

RESENHA

## **PARA COMEÇAR O DEBATE...**

**ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de**

Doutora em Estudos Literários, pesquisadora associada do  
Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura /CULT,  
Faculdade de Comunicação da UFBA.  
mcandida74@yahoo.com.br

GUIMARÃES, César ; LEAL, Bruno ; MENDONÇA, Carlos (Org.) **Comunicação e Experiência Estética**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Fazer uma resenha de uma coletânea de artigos tem na multiplicidade de autores e textos um complicador que, neste caso em particular, se acentua por se tratar de autores com pontos de vista diferentes, perspectivas teóricas e epistemológicas diversas, dificultando um resumo crítico da obra. A urgência, porém, de construir um espaço para a discussão da experiência estética sob paradigmas dos estudos em Comunicação torna o desafio mais digno de atenção. O livro *Comunicação e Experiência Estética* é o resultado de um encontro promovido para refletir sobre “[...] a dimensão estética que, vinculada às formas de vida ordinária e confrontada às racionalidades não-estéticas, está na base de diversos fenômenos comunicativos contemporâneos”, conforme os organizadores explicam na apresentação. Destacando o corolário de questões gerado nos debates, farei um mapeamento da obra.

A pergunta: “O que ainda podemos esperar da experiência estética?” (p. 13-27), colocada como título do artigo que abre o livro e escrito por um dos organizadores, César Guimarães, denota um certo desalento sobre a validade de discutir estética em redes reflexivas comunicacionais, mas o resultado da publicação não se furta à proposta de fazer falar sete professores da comunicação e três da literatura sobre um problema limítrofe. A experiência estética pertence, então, às margens ocupadas pelo debate transdisciplinar, já que não é mais domínio único da filosofia ou das belas artes, porém ainda não tem *locus* pleno nos estudos da Comunicação. As dúvidas e as hipóteses que constroem a reflexão acadêmica perpassam o livro todo; nele encontramos questões do tipo: “Se a ‘poesia’ é um conceito histórico, será que não estamos desprezando intensa poesia ao desligarmos a TV?” (LEAL. A poesia que a gente vive, talvez. p. 79-87). “Em que medida a televisão é parte de uma evolução estética que não começa com ela, mas que surgiu a partir dos modernos meios técnicos de imagem, ou seja, pintura, fotografia e cinema” (FAHLE, Oliver. Estética da televisão. p. 190-208). “Como podemos distinguir estes modos de experiência [a estética e a

religiosa]?” (GUMBRECHT, Hans. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. p. 50-63) “O que dizer de todas essas imagens que, em seu imenso poder de processamento, nos permitem conhecer, antecipar, colonizar, consumir o possível?” (BRASIL, André. Entre ver e não ver: o gesto do prestidigitador. p. 88-102). “O homem em ruínas restaram as imagens?”(p. 103-116) título do artigo de Carlos Camargos Mendonça. “O que fazer quando se está diante de uma realidade cruel? Pergunta Denílson Lopes em um ensaio que quer “dialogar com o Pragmatismo com a ótica benjaminiana na busca de uma estética da comunicação, mais centrada na experiência do que na identidade, que se traduz numa poética do cotidiano, mediada pelos meios de comunicação” (LOPES, Denílson. Da estética da comunicação a uma poética do cotidiano. p. 117-150). Por que e, principalmente, como estudar documentários e reality show? Fernando Andacht responde, sem formular o problema com um pergunta (A experiência estética do indicial: a representação do real no documentário e no reality show. p. 153-189). E, por fim, um artigo sem pergunta, que condensa uma homenagem a Walter Benjamin, o patrono desse debate: “Comunicação e Recepção em Walter Benjamin” (p. 64-75), de Georg Otte. Este autor também atuou como tradutor dos textos de Gumbrecht e Fahle, por isso nos deve responder por que não traduziu os títulos de Deleuze publicados no Brasil e citados pelo último.

Com a preocupação de tocar o caráter paradoxal da experiência estética, pensado como uma epifania causada por “[...] um estado mental ou intelectual que definitivamente transcendem o comum - cotidiano, mas insistem, ao mesmo tempo, no expressamente intramundano”, César Guimarães busca respostas através da poesia de Emily Dickson, de Carlos Drummond de Andrade, e na reflexão teórica de Martin Seel, de Gabriela Llansol e de Jean-Marie Schaeffer, especialmente, descrevendo a intervenção estética no “[...] mundo que constitui nossa tarefa” (p. 24). Em uma trajetória curta, com um delineado entre o ensaio e a comunicação, o autor torna extremamente densa a passagem sobre: “Como definir, então, essa revelação extática - ‘entre transporte e transtorno’ - que desloca o sujeito de sua percepção e atitudes habituais e o retira dos limites do conhecido? Como é que o discurso filosófico, através de uma disciplina em particular, a estética, buscou dar conta de uma experiência como esta?” (p. 14) O resultado não é um caminho de incertezas, mas um mapa de respostas, impulsionando-nos a encontrá-las, por exemplo, através dos autores “fundamentalistas” que propõem “[...] um conceito integral de verdade e de conhecimento, revelados unicamente pelas obras de arte” (p. 14), perspectiva que podemos encontrar em Heidegger, Adorno, Gadamer, Schelling, Hegel. Ou na versão “purista” que nos oferece “[...] um conceito exclusivo da reflexão pura ou da

intensidade inefável, na qual a percepção estética se liberta das significações e dos conceitos de uma compreensão cognitiva do mundo”(p. 14) de Nietzsche, Valéry, Bataille, Iser e Bubner. Esse é o mesmo projeto que editora o livro: um levantamento de problemas com sugestões de respostas.

Em “Experiência estética e racionalidade comunicativa” (p. 27-49), um ensaio mais extenso, Ricardo Barbosa nos fornece o segundo exemplo dos problemas a serem enfrentados no estudo da experiência estética em sua relação com a Comunicação elaborada sob a forma da seguinte tese: “A experiência estética se estrutura à base de um certo uso da racionalidade comunicativa”. A demarcação que escolheu - “obras de arte” - acompanhada de suas questões fundadoras - com que direito chamamos certas “coisas” de “obra de arte” e ajuizamos sobre elas - receberá respostas advindas de uma abordagem da “racionalidade comunicativa” e cada um dos temas mais constantes no estudo sobre arte foi enfrentado: a tríade bom, verdadeiro e belo atualizado na noção “esteticamente exitoso”; o que é arte; o validamento da obra de arte; a autenticidade; o juízo do gosto; “sentimento de vida”; objeto estético como sujeito; a inteligibilidade; etc. Com colocações bem convidativas como a desmontagem do “juízo de gosto”, cuja aceitação irrestrita impediria o debate formativo sobre arte: “Embora seja resgatada por cada um na experiência [...] a validade estética é uma pretensão intersubjetiva pela força mesma de seu caráter público das obras de arte. Elas se dirigem ao público como uma comunidade ilimitada de comunicação - uma comunidade de leitores, ouvintes, espectadores, e autores, da qual esperam reconhecimento universal” (p.46).

Assim por diante, cada autor foi buscando um enfrentamento com os marcos desse debate, discutindo “para além das fórmulas prontas”, como pontua Bruno Souza Leal. Rompendo com a “evidência” muda, pois, “um texto, em si mesmo, não é nada, a não ser ruído, amontoado, barulho”, mas não só o texto, as imagens da televisão, os sons das rádios, os painéis publicitários, apesar da imposição de sua presença ainda necessitam de um transcodificador; talvez menos para que sejam produtores de “experiência estética”, e mais para que possamos compreender e interferir nessa experiência. Então, o debate está só começando, vamos a ele...

Percebemos nos artigos do livro, de modo geral, uma vontade de autenticidade que sempre é a pedra no sapato da reflexão em Comunicação, posto que o meio enquanto mensagem seria a imposição do sempre artificial, atualmente do virtual em detrimento de uma realidade real. A arte autêntica mesmo elaborada no “artificial” conduziria a um conhecimento operativo no real, enquanto as artes midiáticas conduziriam sempre ao falso de uma representação-simulacro que quer uma

reprodução da finalidade sem fim, por isso a insistência de imagens como a que quer a “arte” como um “futebol sem bola” (BRASIL, p. 94), concepção que retira o objetivo gol do futebol e o nobilita como pura “arte pela arte”.

A fundamentação descritiva e analítica dos processos implícitos na experiência estética tem que se digladiar sempre com as construções tradicionais de arte naturalizadas ou atualizadas como verdades profundas sobre a arte. Como exemplo, a função do “autêntico”, nessas formulações, está limitada pela realidade - tão palpável que pode nos matar com a queda de uma palma da palmeira - e termina por constituir substância suficiente de verdade, princípio orientador e limitador da experiência, enquanto a estética se configura como espaço do artificial e do falso. O “cotidiano” aparece em muitos dos artigos deste livro, pois esse seria o elemento concreto com o qual a experiência estética - propiciadora de conhecimento, cuja existência seria confirmada pela epifania diante do “esteticamente exitoso”, encontra seu limite e lugar de embate. Contudo, mesmo retirando a Idéia platônica ou o fundamento religioso da experiência estética, a pauta orientadora da verdade então transportada para a materialidade do mundo ainda contém a idéia de que decodificar os signos nos revela alguma realidade “autêntica”, como antes no revelava a perfeição metafísica. Há de se pensar, porquanto, mesmo o semiótico peirciano presente no livro termina por esquecer um princípio da semiótica de Charles Peirce de que um signo apenas gera outro signo. A realidade concreta só pode ser apreendida por meio de signos e o caráter indicial do signo, destacado nos estudos de Fernando Andacht, não configura uma indicação de uma “realidade autêntica”; essa termina inabordável como um fim, pois sempre estará recoberta de signos construídos na “artificialidade” da cultura. Com uma recolocação de graus de artificialidade, de qualidade - artifício bom e artifício mal -, ou escalas de validamento, corremos o risco de perder a abertura benjaminiana para a reprodutibilidade técnica, reinstalando a busca da aura na experiência estética. Podemos perder também a liberdade adquirida no juízo de gosto sem a obrigação de estabelecer parâmetros anunciados por Kant, cujos seguidores foram incapazes de assumir. Outra vez e finalmente... O debate está só começando.